HISTORICÍDIO
MAIKE CABRAL

Beati pauperes spiritu

2023

Φ

HISTORICÍDIO

Imersos como estamos no intrincado cenário da história humana, recentemente permeado por correntes hedonistas e até mesmo influências de natureza demoníaca, é compreensível que a apreensão intelectual de conceitos transcendentes como o de "espírito" tenha se tornado uma tarefa complexa no domínio da ciência histórica. Diversos pensadores e estudiosos dedicaram-se a investigar essa questão, fornecendo insights valiosos para o entendimento dessa dimensão profunda da existência humana.

Um desses estudiosos é o renomado filósofo político Eric Voegelin, que em sua obra explorou a conexão entre o mundo espiritual e o ordenamento da sociedade. Voegelin argumentava que a compreensão adequada da história humana requer uma apreciação da dimensão transcendente da existência. Em suas palavras, "a história é o processo de busca e participação no divino". Ele enfatizava que as realidades espirituais e a busca por uma ordem superior são fundamentais para a compreensão da trajetória histórica da humanidade.

Em consonância com essa visão, o pensamento de Santo Agostinho, um dos mais influentes filósofos e teólogos da história, oferece perspectivas importantes sobre a interseção entre a espírito e história. Agostinho refletiu sobre a natureza da alma humana - sede do espírito - e sua busca por Deus, argumentando que a história é um reflexo da busca contínua da humanidade por uma plenitude transcendente. Para ele, a alma humana é uma entidade inquieta em busca de sua origem divina, e essa busca incessante encontra expressão na dinâmica histórica.

Outro autor relevante nesse contexto é Josef Pieper, filósofo alemão que abordou a conexão entre a alma e a transcendência. Pieper explorou a importância da contemplação e da busca interior como meios para a apreensão das verdades espirituais. Em sua obra "O Ócio Filosófico", ele destaca a necessidade de pausas contemplativas na vida cotidiana, permitindo que a alma se eleve acima das preocupações mundanas e se abra para a dimensão transcendental.

Além disso, Hans Urs von Balthasar, teólogo suíço, também contribuiu para o debate sobre a relação entre a alma e a presença divina. Em sua vasta obra teológica,

Balthasar explorou a ideia de que a alma humana é capaz de alcançar a união com Deus por meio da contemplação e da participação na vida divina. Ele argumentava que a história humana é uma jornada em direção ao encontro com a realidade divina, onde a alma encontra sua plenitude e seu verdadeiro propósito.

Portanto, com base nas reflexões desses estudiosos podemos ampliar nosso entendimento da relação entre a história e o conceito de "espírito" contemplando a dimensão transcendente da existência humana, reconhecendo a busca incessante da alma pela verdade e pela conexão com o divino ao longo da trajetória histórica. Suas obras nos incentivam a transcender as limitações do materialismo e explorar a riqueza espiritual que permeia a história da humanidade, revelando assim uma compreensão mais profunda e abrangente de nossa jornada coletiva.

Isto se faz mais que urgente, já que ao longo dos últimos séculos a humanidade ocidental tem sido gradualmente submersa em um tecido social que enfatiza a materialidade, o imediatismo e a efemeridade das experiências terrenas. Nesse cenário, a apreensão do espírito, enquanto dimensão imaterial e transcendental do ser, sofre um eclipse cada vez mais pronunciado. O racionalismo e o empirismo, que emergiram como paradigmas dominantes no pensamento ocidental, tendem a priorizar a observação e a mensuração do mundo tangível, relegando ao plano do subjetivo e do inefável as dimensões mais profundas e sutis do ser humano.

Nesse contexto, a separação entre a realidade temporal, que se refere às contingências e limitação do mundo físico, e a realidade eterna, que abarca as esferas metafísicas e espirituais, parece se ampliar de forma alarmante. Por conta da influência destas correntes de pensamento o homem, imerso nas demandas e distrações do cotidiano, tende a se distanciar de uma compreensão abrangente de sua própria natureza e do universo que o cerca. A sensibilidade para a existência de um mundo espiritual e eterno, onde a alma encontra sua verdadeira morada, torna-se minguante e corremos o risco de perder de vista a grandeza e o propósito mais profundo de nossa jornada.

É nesse cenário que se faz necessária uma profunda reflexão acerca do lugar do espírito na história e na contemporaneidade. Autores expressivos, como os já citados, dedicaram-se ao estudo das dimensões espirituais da existência sempre em consonância com a tradição fundante de nossa civilização, ressaltando a importância de uma apreensão integral da realidade. Voegelin, alertando sobre os perigos de uma compreensão

meramente imanente da vida; Agostinho, enfatizoando a inquietude da alma humana e sua busca incessante por Deus, ressaltando a conexão intrínseca entre a espiritualidade e a compreensão da história; Pieper, destacando a importância de momentos de pausa e recolhimento, nos quais a alma pode se abrir para a percepção do sagrado; e Balthasar, através de sua teologia, dando a noção da possibilidade de a alma humana se unir ao divino participando da vida eterna. Estas são linhas de pensamento que podem contribuir para a restauração civilizacional, que só poderá se dar através de um entendimento histórico amplo e unificante.

Assim, faz-se imperativo não só dominar a noção de espírito mas experimentá-la, buscando a integração profunda entre realidade temporal e realidade eterna. É por meio da contemplação, do conhecimento filosófico, da vivência religiosa e da busca sincera pela verdade que podemos vislumbrar a unidade essencial entre o efêmero e o eterno, entre a materialidade transitória e a dimensão transcendental. Apenas ao reconhecer a presença do espírito em todas as esferas da existência, podemos reencontrar o sentido mais autêntico da nossa jornada histórica e recuperar a conexão vital com a dimensão eterna que habita em cada um de nós.

Porém, na fluidez complexa do fluxo histórico impera há séculos uma perspectiva, profundamente enraizada na tradição cristã e católica, que parece estar evanescendo com o peso das pseudo filosofias históricas: a crença na presença de um Espírito divino que permeia e conduz todos os eventos da história, em perfeita consonância com a liberdade humana. Essa compreensão teológica enriquece nossa apreensão do sentido e propósito da trajetória histórica, conferindo-lhe uma dimensão transcendental e uma perspectiva de esperança.

No contexto cristão, a ideia do Espírito Santo como o agente dinâmico e orientador da história tem raízes profundas. De acordo com essa perspectiva, o Espírito Santo - Terceira Pessoa da Santíssima Trindade - é o próprio Deus agindo na história. Acredita-se que, por meio de Sua ação providencial, o Espírito Santo direciona e molda os eventos, permitindo que a liberdade humana seja acompanhada e, ao mesmo tempo, redirecionada para cumprir seus desígnios divinos.

Essa concepção teológica encontra apoio em importantes pensadores católicos ao longo da história, como o próprio Santo Agostinho, que em sua obra "A Cidade de Deus" explora a noção de que os eventos históricos são guiados pela vontade divina, em

harmonia com a liberdade humana. Ele afirmou que, embora os seres humanos possuíssem a liberdade de escolha, Deus, em Sua sabedoria infinita, conduz até mesmo os eventos aparentemente caóticos e adversos para o cumprimento de propósitos maiores.

Essa visão também encontra eco em teólogos como Hans Urs von Balthasar. Em sua obra "A Teologia da História", Balthasar explora a relação entre a ação divina e a liberdade humana na história. Ele argumenta que, apesar das restrições e falhas humanas o Espírito Santo, de maneira misteriosa, transforma até mesmo os eventos aparentemente desordenados em instrumentos de Sua providência amorosa. Assim, a liberdade humana é respeitada e integrada ao plano divino, permitindo que as escolhas individuais e coletivas tenham um papel significativo na dinâmica histórica.

Nesse sentido, é importante destacar que a ação do Espírito Santo na história não nega a responsabilidade humana nem anula a liberdade de escolha. Pelo contrário, essa compreensão teológica enfatiza a colaboração entre Deus e a humanidade, onde a liberdade é um elemento essencial para a realização do plano divino. Ainda que Deus esteja presente e atuante na história, Sua ação não viola a autonomia e a capacidade de decisão dos seres humanos, mas, ao contrário, enriquece-as e orienta-as para o bem e para o cumprimento dos propósitos divinos.

Essa visão de fundo teológico nos convida a contemplar a história como um tecido complexo e dinâmico, onde a liberdade humana e a ação divina estão intricadamente entrelaçadas. Os eventos históricos adquirem um significado mais profundo, uma vez que são vistos como parte de um plano maior, controlado pelo Espírito Santo, que age sempre redirecionando a ação humana para a realização dos desígnios divinos. Dessa forma, a história ganha uma dimensão transcendental e esperançosa, revelando um propósito divino que permeia até mesmo os momentos mais desafiadores e terríveis da humanidade.

Porém, na trama intrincada do entendimento histórico, que envolve essa perspectiva elevada do espírito, somos confrontados com a ameaça iminente de um fenômeno relativamente novo, surgido nas entranhas da recém estabelecida consciência histórica: o “historicídio”, ou, *a morte do espírito na compreensão da história*. Esse fenômeno insidioso reflete uma crescente separação entre a tradição e a própria experiência do espírito, causando uma perda gradual da dimensão transcendental e espiritual na concepção de história.

A tradição, como um elemento fundamental para a manutenção do conceito de espírito na concepção histórica, desempenha um papel essencial de transmissão e preservação dos valores e das verdades fundamentais que transcendem a efemeridade dos eventos temporais. Separada da experiência do espírito, a tradição pode se tornar automatizada, letra morta, facilmente refém da ácida crítica historiográfica moderna. Só por meio da unidade entre ambas, de sua adesão radical, que as gerações anteriores, com sua sabedoria acumulada e sua conexão com o sagrado, podem nutrir e iluminar a compreensão da história, fornecendo uma perspectiva mais ampla e profunda que transcende o horizonte limitado do presente imediato. Uma tradição que perdeu a experiência do espírito é, conforme as palavras do Cristo, *sepulcro caiado*, um baú rico em coisas velhas, mas não novas.

No entanto, o historicídio representa um ataque à continuidade da tradição pautada na experiência do espírito, minando a base sobre o qual a compreensão espiritual da história se sustenta: seu matrimônio. Em verdade ele já é um efeito da discórdia entre ambas. Por essa razão, no mundo contemporâneo, marcado por uma mentalidade voltada para o presente imediato, para o consumismo desenfreado e para o culto à novidade, a tradição é frequentemente relegada a segundo plano - por apresentar pouca experiência do espírito. O ritmo acelerado da vida moderna, aliado à ascensão do relativismo cultural e ao individualismo exacerbado, contribui para o enfraquecimento e a desvalorização da sabedoria transmitida pelos nossos antepassados justamente por falta de experiência concreta do espírito.

Eric Voegelin e Hans Urs von Balthasar, levantaram a voz contra esse fenômeno preocupante. Voegelin, em suas reflexões sobre a política e a história, destacou a importância da tradição como uma fonte de orientação espiritual e uma salvaguarda contra a amnésia coletiva. Para ele, o colapso da tradição resulta na perda do senso de continuidade e propósito, levando a uma compreensão vazia e superficial da história. E isso se dá pela ausência da experiência na assimilação da tradição.

Da mesma forma, Balthasar enfatizou a vitalidade da tradição como um canal de transmissão da experiência espiritual na história. Em suas obras teológicas, ele afirmou que a tradição não é apenas um depósito de conhecimentos passados, mas uma herança viva - ou seja, experimentada - que nos conecta à sabedoria e à presença do espírito ao longo dos séculos. Ele alertou para os perigos de uma abordagem puramente progressista

da história, que negligencia a riqueza da tradição em favor de uma busca incessante por novidades e inovações.

Portanto, é fundamental reconhecer a importância da unicidade entre tradição e experiência do espírito, um elemento vital na preservação e no renascimento do conceito dentro de uma verdadeira compreensão histórica. Esta unidade nos conecta com os pilares fundamentais da humanidade, com os ensinamentos perenes que transcendem as contingências temporais. Ela nos relembra que a história é mais do que uma mera sucessão de eventos aleatórios, mas um tecido intrincado de significado e propósito, que encontra sua raiz no âmago espiritual da existência.

Ao abraçarmos a tradição e a experiência, somos convidados a reencontrar o espírito perdido na compreensão histórica. É por meio do diálogo constante com os grandes pensadores e místicos do passado que somos despertados para a dimensão eterna que permeia cada momento da história. A tradição nos recorda que somos herdeiros de uma sabedoria ancestral e nos convida a recuperar a visão holística da história, na qual o espírito e a liberdade humana são reconciliados, transcendendo a dicotomia entre temporalidade e eternidade. Unida à experiência do espírito, a tradição penetra na própria história como um bálsamo revitalizante.

Nesse resgate do matrimônio entre tradição e experiência, encontramos a chave para reavivar o espírito na concepção da história e restaurar a conexão profunda entre o passado, o presente e o futuro. Ao reconhecermos a importância desta união como um farol orientador, podemos reverter o processo de historicídio e revitalizar a visão espiritual da história, transcendendo a limitação da compreensão meramente temporal e nos abrindo para uma perspectiva mais ampla e significativa, onde o espírito encontra sua morada e nossa jornada histórica encontra seu verdadeiro propósito.

***